**Juventudes Periféricas, Cinema Negro e Educação Libertadora**

Maria Rita Py Dutra. Prof.ªDrª do Magistério Público Estadual do Rio Grande do Sul.

Cícero Santiago de Oliveira. Prof. Ms. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina.

Esther Costa Faria. Profª. MSª Educadora e Coordenadora do Práxis - Coletivo de Educação Popular.

**Resumo:** O projeto Juventudes Negras Periféricas articula princípios e métodos do Cinema Negro e da Educação Libertadora, apresentando como objetivo geral a produção de audiovisuais paradidáticos sobre vivências de jovens negros(as) periféricos(as). Este texto apresenta o relato de experiência a respeito do desenvolvimento do documentário “Quando a Universidade é a Nossa Casa”(2022), que tematiza uma série de mobilizações antirracistas protagonizadas por estudantes negros(as) na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 2017. Metodologicamente, princípios do Cinema Negro e da Educação Libertadora apresentam-se em dimensões participativas, através do protagonismo negro nas escolhas temáticas, na seleção de personagens e em etapas de roteirização, pesquisa e direção. Assim, são mobilizadas estratégias participativas em ações de extensão, através da mobilização de Círculos de Cultura entre a equipe, estudantes da Educação Básica e de movimentos sociais.

**Palavras Chaves:** Juventudes Negras, Cinema Negro, Educação Libertadora.

**Introdução**

Neste texto, apresentamos um relato a respeito da segunda edição do projeto “Juventudes Negras Periféricas”(JNP), desenvolvida pelo movimento Práxis – Coletivo de Educação Popular, entre 2021 e 2022. O produto desta iniciativa consiste no desenvolvimento do documentário “Quando a Universidade é a Nossa Casa”, em que são articulados princípios e métodos do Cinema Negro e da Educação Libertadora.

**1 Objetivos**

Em 2017, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) foi palco de pichações racistas. Além da abertura de processo administrativo e inquérito na Polícia Federal, desencadeou-se uma reação contundente por parte comunidade, que culminou em um movimento de ocupação da reitoria, intitulado “Ocupação Antirracista”.

Ocorrida entre os dias 24 e 30 de novembro, o movimento colocou a instituição no epicentro do debate relacionado ao acolhimento de discentes cotistas e de políticas de assistência estudantil específicas para estes. Observando o significado histórico do evento, estipulou-se como Objetivo Geral: Produzir material audiovisual paradidático sobre a Ocupação Antirracista na UFSM, na perspectiva da Educação para Relações Étnico Raciais (ERER).

Como Objetivos Específicos, foram delineados: 1.1) Registrar percepções de discentes negros(as) sobre racismo; 1.2) Identificar as estratégias pautas e estratégias de mobilização; 1.3) Promover ações de extensão sobre o tema, tomando a Educação Libertadora como referência.

O projeto se desdobrou na produção do documentário intitulado “Quando a Universidade é a Nossa Casa” (2022), através de uma parceria entre o Práxis – Coletivo de Educação Popular[[1]](#footnote-1), o Coletivo de Audiovisual TV OVO[[2]](#footnote-2) e o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do câmpus Canoinhas do IFSC. A experiência contou com financiamento público, por meio da Lei de Emergência Cultural nº 14.017/2020, conhecida como Lei Aldir Blanc.

**2 Referencial teórico e metodológico**

O projeto JNP[[3]](#footnote-3), está articulado a ERER[[4]](#footnote-4) e toma como bases centrais o Cinema Negro e a Educação Libertadora. Entende, portanto, que tais vertentes compartilham princípios, tais como: reflexão-ação, participação e emancipação.

Ao refletir sobre a Educação, Paulo Freire (2006, p. 44) destaca que temos duas opções: tomá-la para a domesticação ou para a liberdade. Na educação para a domesticação, o homem carrega as marcas da opressão que o esmaga, e será capaz de libertar-se pela conscientização, “uma postura de autorreflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço”.

Assim, para Freire (1987), a Educação sempre está vinculada a algum projeto ou sonho de sociedade. Ou seja, “além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político” (FREIRE, 1987, p. 25). Nesse sentido, a forma como os alunos são ensinados e o que lhes é ensinado atende a uma agenda política (FREIRE, 1991, p. 20). Por ser ato político, é preciso ter a lucidez de definir a favor de quem e do quê, portanto, contra quem e contra o quê, desenvolvemos a atividade política (FREIRE, 1989, p. 15).

Desde tais premissas Freire (2006) realiza a sua crítica a Pedagogia Tradicional (Bancária), uma vez que ela se articula aos interesses sociais, políticos e simbólicos das classes dominantes, propondo a Educação Libertadora como alternativa. Para tanto, lança mão do método da problematização, ancorado na prática do diálogo.

Assim, pretende-se romper com os esquemas verticais característicos da Pedagogia Tradicional (FREIRE, 1987, p. 39), superando, justamente através da dialogicidade, a contradição entre educador e educando: “(...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”.

A dialética domesticação *versus* liberdade descrita por Freire (2006) na educação, materializa-se também na Indústria Cultural e, assim, no cinema. Quanto à domesticação, ao problematizar a representação de negros(as) na história do audiovisual, Araújo (2000) destaca que hegemonicamente estes são apresentados em posições sociais subalternas e através de arquétipos racistas[[5]](#footnote-5).

Em contraposição, o Cinema Negro situa-se na perspectiva da liberdade, pois refuta representações que inferiorizam os afrodescendentes. Busca, assim, “um reposicionamento do negro, em uma postura de afirmação estética e cultural, contrapondo-se à hegemonia eurocêntrica” (PRUDENTE, 2006, p.49).

Ao indicarem as singularidades do Cinema Negro, Ventura, Oliveira e Borges (2020, p. 295) destacam: “produção majoritariamente composta por pessoas negras, representatividade de corpos negros, protagonismo de atores e atrizes negros e negras, personagens negros e negras com subjetividade densa, e personagens com características não estereotipadas”.

As bases conceituais e metodológicas do Cinema Negro e da Educação Libertadora são estratégicas para a ERER, pois rompem com os paradigmas da dominação e do racismo. Ao compartilharem os princípios de reflexão-ação e emancipação, articulam-se às lutas por transformação social na perspectiva dos explorados, oprimidos e discriminados.

**3 Quando a Universidade é a Nossa Casa**

Desenvolvido entre 2021 e 2021, o documentário “Quando a Universidade é a Nossa Casa” narra a história de Eme e Wil, ambos afro-brasileiros(as) periféricos, estudantes cotistas e moradores da Casa do Estudante da UFSM. Ao relatarem suas vivências durante a Ocupação Antirracista de 2017, avaliam os conhecimentos construídos nos enfrentamentos aos discursos e práticas racistas, consolidando-se a proposta freiriana de uma educação libertadora (FREIRE, 1987, p. 62).

Além da densidade do protagonismo das personagens, que rompe com aspectos estereotipados das juventudes negras, o Cinema Negro emerge com a representatividade em pontos estratégicos da experiência: direção, roteirização, produção, trilha sonora e peças gráficas de divulgação foram realizadas por profissionais negros(as).

A ERER configurou-se pelas escolhas temáticas, assim como pela abordagem historiográfica e estrutura pedagógica do audiovisual, articulada por meio de uma sequência didática que relaciona as reflexões das personagens com trechos sobre a história dos movimentos negro e estudantil, situando as lutas do tempo presente em um contexto mais amplo, de lutas por justiça social.

As conexões entre Educação Libertadora e Cinema Negro envolveram metodologias participativas. Nesse sentido,buscou-se privilegiar o protagonismo negro na concepção, desenvolvimento, finalização e divulgação da experiência, através de 6 etapas: 1) preparação de diretores e produtores; 2) sistematização de roteiro; 3) curadoria e produção de arte e de materiais de apoio; 4) captação de materiais em campo; 5) finalização e 6) distribuição, através de ações de extensão.

Diante e por detrás das câmeras, até etapas de distribuição e exibição, a composição étnica da equipe foi diversa e, ao mesmo tempo, privilegiou o protagonismo negro. Este se expressou na delimitação temática, seleção dos protagonistas, roteirização, direção, trilha sonora, elaboração de peças gráficas e concepção historiográfica.

Pré-entrevistas, na perspectiva da História Oral, privilegiando o olhar das personagens negras, estruturaram a narrativa. A revisão historiográfica, seleção de materiais de apoio e distribuição contaram com o apoio de organizações negras, com destaque para os NEABI’s do IFSC, o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) e a plataforma de audiovisual negro Cultne.

**4 Resultados**

A produção foi lançada em 2022, durante o Festival Ori, no Rio de Janeiro (RJ) e teve uma boa recepção na educação básica e superior, organizações do movimento estudantil e pré-vestibulares populares, sobretudo nos estados de Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS).

No processo de distribuição, durante as exibições, os conhecimentos produzidos por Eme e Wil são compartilhados com outros jovens negros, através de ações de extensão e do compartilhamento gratuito do filme[[6]](#footnote-6). “Quando a Universidade é a Nossa Casa” foi premiado como Melhor Documentário Média & Longa Metragem no Festival de Cultura Maria Cult (Santa Maria, RS, 2023), além de ter sido selecionado para a IV Mostra SESC de Cinema (Rio Grande do Sul, 2023).

Atualmente, está sendo produzido um novo documentário, que aborda a temática da inserção de egressos das cotas nos mundos do trabalho. A experiência é desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infâncias, Juventudes e suas Famílias (GEPIJUF/PPGE/UFSM) e pelo NEABI do câmpus Canoinhas do IFSC, e tem como previsão de lançamento o mês de novembro de 2024.

**Referências**

ARAÚJO, Joel Zito. **A Negação do Brasil**. O Negro na telenovela brasileira. São Paulo: SENAC, 2000.

SHOR, Ira e Freire, Paulo. Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. Entrevista: "**A EDUCAÇÂO é um ato político**".Cadernos de Ciência, Brasília, n. 24, p.21-22, jul./ago./set. 1991.

Freire, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 29. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2006.

PRUDENTE, Celso. **Cinema negro**: pontos reflexivos para a compreensão da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora. Revista Palmares. Cultura Afro-brasileira. Brasília, nº 3, p. 48-50, 2006. Disponível em http://www.palmares.gov.br

**QUANDO a Universidade é a nossa Casa**. Direção de Cícero Santiago de Oliveira, Maria Rita Py Dutra, Esther Faria e Elias Costa. Santa Maria: Práxis – Coletivo de Educação Popular & TV OVO, 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=N-vjAQgLttw&t=290s>

VENTURA, Hélio Lúcio dos Reis; OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de; BORGES, Roberto. **Cinema Negro na Educação Antirracista**: uma possibilidade de reeducação do olhar. Revista TEIAS, nº62, Seção Temática Raça e Cultura. Rio de Janeiro: PROPED/UERJ, 2020.

1. Movimento de Educação Popular criado em 2000 por estudantes da UFSM. [↑](#footnote-ref-1)
2. Coletivo de Produção Audiovisual criado em 1996 em Santa Maria (RS). [↑](#footnote-ref-2)
3. Projeto criado em 2011 pelo movimento Práxis. Dedica-se a produção de documentários paradidáticos sobre a História das Juventudes Negras no Brasil. [↑](#footnote-ref-3)
4. A ERER refere-se ao conjunto de ações educacionais direcionadas à garantia de direitos para as populações afro-brasileiras e os povos indígenas, por meio de ofertas pedagógicas e políticas de ações afirmativas. [↑](#footnote-ref-4)
5. 1) o “mulato trágico”, que anseia o modo de vida branco, sem sucesso; 2) “Tom”, o negro dócil que defende os seus senhores; 3) “Mammie”. Negras gordas, governantas ou amas de leite, que amam os seus senhores; 4) “Coon”, o negro desocupado, indolente e boêmio e 5) “Buck”, o negro animalizado, violento e hipersexualizado (ARAÚJO, 2000, p. 47-51). [↑](#footnote-ref-5)
6. Disponível no YouTube, conta com mais de 1.500 visualizações. [↑](#footnote-ref-6)